



Resenha

Edith Stein e o pensamento medieval

Edith Stein and the Medieval thought

Alessandro Giostra
Stanley Jaki Society
Itália

Alfieri, F. (2014). *La presenza di Duns Scoto nel pensiero di Edith Stein: la questione dell'individualità* (H.-B. Gerl-Falkovitz, Premissa; A. Ales Bello, Prefácio; G. d'Onofrio, Posfácio). Brescia, Itália: Morcelliana.

O patrimônio da Escolástica representa, para os cultivadores da filosofia, uma fonte inesgotável de reflexão¹. A retomada do pensamento medieval, portanto, é passagem obrigatória para quem tenha a intenção de propor uma visão universal do saber. É preciso afirmá-lo com vigor numa época em que muito frequentemente a superficial etiqueta de “período das trevas” influencia o juízo sobre a Idade Média, mesmo nos ambientes acadêmicos.

Dentre os protagonistas da filosofia contemporânea que utilizaram algumas contribuições essenciais do período medieval está Edith Stein (1891-1942) que, na construção de uma filosofia da pessoa inspirada na fenomenologia husserliana, reelaborou de modo original o pensamento de Duns Escoto (1265-1308), chamado de *Doctor Subtilis* pela qualidade de sua especulação. Particularmente, a filosofia alemã aprofundou a tese escotista sobre o princípio de individuação que busca a verdadeira natureza do indivíduo e de seu relacionamento com outros sujeitos “egológicos”. Foi um momento fundamental no desenvolvimento do pensamento da filosofia alemã interessada em delinear a “constituição intersubjetiva do mundo (...) concebível como uma formação de sentido baseada em intencionalidades elementares” (Husserl, 1954/1997, p. 194). A influência do pensamento escotista na filosofia de Stein é o tema do recente livro de Francesco Alfieri (2014) [A presença de Duns Escoto no pensamento de Edith Stein: a questão da individualidade], cuja investigação desenvolvida nos últimos anos contribuiu de modo relevante para clarificar os principais aspectos do pensamento daquela autora².

Stein amadureceu seu interesse pelo pensamento de Escoto a partir de 1921-22, quando, junto a outra grande figura da fenomenologia, Hedwig Conrad-Martius (1888-1966),

¹ Tradução de Miguel Mahfoud do original inédito em italiano. Revisão de Juvenal Savian Filho.

² Dentre os trabalhos de Alfieri destaca-se, especialmente, a edição de *Die Rezeption Edith Steins: Internationale Edith-Stein-Bibliographie 1942 - 2012*. (2012).



traduziu uma obra do historiador e filósofo da ciência Alexandre Koyré (1892-1964) (Cf. Koyré, 1922). Mais tarde esse interesse se tornou essencial, permitindo que Stein chegasse a definir com extrema precisão “a inelutabilidade do ser indivíduo que se manifesta sempre na particularidade da pessoa” (Alfieri, 2014, p. 7).

A originalidade da investigação de Alfieri (2014) se atesta claramente desde o primeiro capítulo do livro (Estudo histórico-crítico das fontes escolásticas utilizadas por Edith Stein, pp. 23-64), enfrentando uma questão preliminar de absoluta importância: quais as fontes escotistas consultadas por Stein. Para ilustrar, Alfieri aponta - inicialmente - de que modo o autor medieval despertou grande interesse por parte da escola husserliana; passa depois a uma análise atenta que inclui o cotejamento dos códices principais das obras de Escoto e o parecer de seus maiores estudiosos. Alfieri tomou em máxima consideração algumas conclusões a que chegaram esses estudiosos, como, por exemplo, o fato de que as primeiras seis questões do *De Rerum Principio* devam ser atribuídas não a Escoto mas a Vitalis de Furno (1260-1327) (Cf. Alfieri, 2014, p. 43).

Escoto trata do princípio de individuação sobretudo na *Ordinatio* e nas *Quaestiones super Libros Metaphysicorum*³. Alfieri aponta o uso de diversos termos com os quais ali é definido este problema, denotando uma evolução de pensamento. Escoto busca a *causa singularitatis* [causa da singularidade] considerando que a comunicabilidade distingue a espécie do indivíduo e faz que ao indivíduo se atribua uma perfeição maior (substância primeira) com relação à espécie mesma (substância segunda). Escoto contesta a posição nominalista segundo a qual todo existente teria o caráter da singularidade mesma; isso negaria a validade de um conhecimento universal do particular. Descartando outras hipóteses, como a tese da *negatio duplex* [dupla negação] de Henrique de Gand (1217-1293), Escoto identifica a razão da singularidade em um princípio positivo, interno aos indivíduos e capaz de contrair (comprimir) a natureza comum. Deste ponto de vista ele se distancia de Aristóteles considerando que a existência, comum a todos os indivíduos, não caracteriza as substâncias. Toma distância também da *materia signata quantitate* [matéria marcada pela quantidade], típica da posição tomista, baseando-se no princípio de que as características acidentais não podem determinar as substâncias. A *entitas individualis* [entidade individual], portanto, não é dedutível da matéria, da forma ou do composto, mas da *ultima realitas entis*, isto é, a realidade final do ente. Trata-se de algo interno à natureza do ente, o seu último estágio que determina plenamente sua individualidade, unicidade e irrepetibilidade. A posição escotista, porém, sofre uma mudança das *Quaestiones*, onde se especifica que o princípio de individuação é dado pela *forma individualis* [forma individual] que não é parte da natureza comum, mas se acrescenta a ela. No anexo à *quaestio 13* da mesma obra, Escoto fala de *gradus individualis* [grau individual], ou seja, de uma modalidade progressiva,

³ Segundo Capítulo: “A questão do *principium individuationis* nos escritos de Duns Escoto. *Ordinatio/Lectura* e *Quaestiones super Libros Metaphysicorum* (q. 13)”. (Cf. Alfieri, 2014, pp. 65-98).



inerente ao indivíduo em nível accidental. A dificuldade de reconstrução da visão de Escoto torna também problemático o conceito de *haecceitas* [heceidade] que, ainda que seja o termo muito usado para identificar seu pensamento nesse aspecto, teria sido utilizado mais por seus alunos do que pelo próprio Escoto. Em todo caso, a centralidade do indivíduo no pensamento escotista é garantida pela teoria da *continentia unitiva* [posse unitiva], segundo a qual não é a natureza comum que contém o princípio individuante, ou vice-versa, mas é todo indivíduo que contém ambos como momentos essenciais. A evolução da filosofia escotista, portanto, chega a identificar a individuação como procedimento de análise do ente no seu último estágio e isso garante a preeminência da essência individual que garante a unicidade e estabilidade ao indivíduo como tal.

Podemos retomar daqui para compreender a virada transcendental efetuada por Escoto na solução da individuação para compreender como o indivíduo, como pessoa, pertence a si mesmo desde seu momento fundativo que representa também o nível constitutivo da sua natureza individual (Alfieri, 2014, p. 97).

É central, no pensamento de Stein⁴, a ideia de que para entrar plenamente na dimensão da empatia é preciso manter a própria individualidade: trata-se da única atitude possível para realizar a *epoché* de matriz husserliana, recomendada por Alfieri para a compreensão da autora:

Nosso objetivo é delinear uma possível releitura em chave fenomenológica do elemento constitutivo e fundante do ser individual, seguindo os vários momentos do percurso filosófico de Edith Stein. Para isso é preciso inicialmente ativar a atitude interior da *epoché*, comparada por Husserl a uma "conversão religiosa" (*religiöse Umkehrung*): colocar 'fora de circuito' os resultados adquiridos até então, pressuposto indispensável para 'apreender o problema em si mesmo e indagar então a sua essência. (Alfieri, 2014, p. 101)

A confiança na *epoché* induz Stein a afirmar a presença de um núcleo fundante no indivíduo, fora de qualquer condicionamento. Sua presença, que determina o desenvolvimento da personalidade, caracteriza a qualidade dos atos individuais e, por representar a potencialidade do indivíduo, preexiste a qualquer ação, na sua natureza qualitativa impede que a questão da individuação pudesse ser resolvida em chave espaço-temporal. Disso depende a unicidade do eu individual ou Eu Puro definido ao modo de Husserl (1859-1938). Nessa concepção já se entrevê a influência de Escoto: ao indivíduo cabe aquele "estar em si mesmo" que remete à *ultima solitudo* [solitude última] escotista, "origem ontológica do ser que caracteriza a absoluta autonomia" (Alfieri, 2014, p. 107). Desse modo, a abertura extra-egóica do indivíduo reforça a consciência da própria individualidade em um

⁴ Cf. Terceiro Capítulo: "A singularidade 'intangível' do ser humano: a originalidade da perspectiva em Edith Stein" às pp. 99-174 em Alfieri, 2014.



contexto comunitário que, ainda que não possua um núcleo próprio, remete ao núcleo individual pela sua constituição. É este posicionamento que consente aos indivíduos abrirem-se à transcendência do outro e de Deus, um conceito magistralmente aprofundado por João Paulo II (1920-2005) ao tratar da transcendência como "in-tenção" (Wojtyła, 1969/2001). Como já explicado por Escoto, também para Stein a natureza do homem, portanto, não se esgota nas características da espécie. A individuação nos remete à dimensão intrínseca da "forma vazia", a mesma estrutura interior do ser humano que deve ser "preenchida" pelas determinações qualitativas, mas que permanece insuprimível como realidade última. Colocar tal realidade última na base do indivíduo é o alicerce comum entre o pensamento de Escoto (que viu na individualidade o nível mais alto do ente) e de Stein (que visa superar a banalidade da psicologia naturalista de seu tempo).

A consciência que se tem do Eu Puro é conexas com a singularidade como essência qualitativa do nosso ser. Entretanto, Stein aponta que dentre todas as nossas vivências somente as inerentes à afetividade pertencem à singularidade. Tudo isso é reconduzido à intencionalidade que, junto à personalidade e à inteligibilidade, constitui a essência da vida espiritual. A espacialidade meta-física do ânimo, uma entidade em contínuo movimento, é o que - para Stein - está na base da *analogia entis* entre homem e Deus. Ela representa a atualidade que não é um Ato Puro, mas se revela uma consciência crescente graças à sua propensão intencional (que lhe permite ter acesso à transcendência captando os seus estados mais profundos). Fica evidente, neste ponto, a impossibilidade de as ciências naturais enquadrarem exaustivamente a vida do espírito, uma vez que a ciência pode ocupar-se somente do *Körper* e a individuação se coloca no nível mais profundo das qualidades. Stein parte da distinção husserliana entre ontologia formal e material, fundamenta sua visão de ontologia formal no conceito de "forma vazia qualificada" no sentido de os indivíduos encarnarem, com a plenitude deles, a espécie que - em relação a eles - é vazia. Com essa síntese entre essencialismo fenomenológico e metafísica aristotélico-tomista, Stein mira um conceito de forma que não inclui mais as intenções generalizantes: nesta visão fica evidente a influência de Escoto. Também para a pensadora alemã, de fato, a especificidade não pode ser comunicada ao indivíduo pela sua espécie; deriva disso que o princípio de individuação deva existir fora da espécie mesma.

Com isso a incomunicabilidade como garantia da unicidade intangível do indivíduo pode pertencer somente à determinação qualitativa de seu ser e não à "plenitude quantitativa", esta comunicável a vários indivíduos. Em outras palavras, não é "preenchimento" como conteúdo mas a tonalidade qualitativa do preenchimento que torna o indivíduo um ser singular de modo único e irrepetível (Alfieri, 2014, p. 145).

Nas últimas páginas do livro, Alfieri analisa o conteúdo da obra de Stein (1931/2003) intitulada *Potenz und Akt* [Potência e ato] ao tratar da questão do relacionamento entre matéria-prima e princípio de individuação (um problema que levou a autora a se confrontar



com as teses da colega Conrad-Martius). A matéria-prima "não é um obscuro fundamento" (Alfieri, 2014, p. 148); em todo caso, ela fica excluída da última determinação e isso implica que a matéria que acolhe a forma vivente não é a matéria-prima, mas a matéria que já tem as características de uma forma qualitativa. Stein confirma a validade do princípio aristotélico-tomista de superioridade da forma sobre a matéria, para declarar que a forma vivente não coincide com a material, que, todavia, é um seu pressuposto. Na unidade do ser singular confluem as determinações quantitativa e qualitativa, mas quando se apreende a existência de um indivíduo por meio da percepção material não se capta, certamente, a plenitude qualitativa do ente. Somente por meio da percepção espiritual consegue-se adentrar a profundidade do ente, daquela singularidade que - entretanto - nunca se poderá possuir plenamente. Esta concepção conduz à visão religiosa de Stein: com a percepção do *Fühlen* o indivíduo entende que a sua singularidade provém de uma fonte primária que transcende a imanência de sua própria singularidade. A Pessoa Divina, desse modo, é a origem daquele preenchimento qualitativo que determina a verdadeira *haecceitas* do ser humano. Estes conteúdos foram completados por Stein (1936/1999) no livro *Endliches und ewiges Sein* [Ser finito e Ser eterno], obra que contém clara influência de Escoto, embora pouco evidenciada pela maior parte dos estudiosos. Ali a filósofa alemã reafirma a impossibilidade de a *materia signata quantitate* ser a essência da coisa singular, porque, não obstante a presença de uma forma ativa, o relacionamento expresso entre forma e matéria não justifica a especificidade dos indivíduos. A individualidade, portanto, depende da forma vazia como *ultima realitas entis*, parte integrante da sua perfeição. Já em *Potenz und Akt* Stein havia identificado a individualidade com a palavra *haecceitas*. Em *Endliches und ewiges Sein* as mesmas palavras de Stein, retomadas por Alfieri, evidenciam a influência de Escoto: "Se entendo bem, Duns Escoto faz o mesmo: ele considera como *principium individuationis* uma *qualidade positiva* do ente, que separa forma essencial individual daquela universal" (Alfieri, 2014, p. 161).

Essa investigação pode ser valorizada como mais um notável passo adiante no trabalho que a comunidade dos fenomenólogos está conduzindo para a difusão do pensamento de Edith Stein. O mérito de Alfieri é o de ter alcançado êxito na árdua tentativa de colocar em um volume - de agradável leitura - uma questão tão complexa e articulada. O estudo do princípio de individuação, de fato, permitiu ao autor condensar alguns aspectos fundamentais da filosofia steiniana sobre a pessoa. Outro mérito do autor, e obviamente também da própria Stein, é o de elucidar o papel fundamental do pensamento medieval para esse gênero de questões. O princípio de individuação, como foi elaborado pelos autores da Escolástica - não obstante o desenvolvimento das disciplinas específicas neurofisiológicas e comportamentais -, revela-se ainda hoje uma válida chave interpretativa para todos os aspectos da relação mente-corpo.



Referências

- Die Rezeption Edith Steins: Internationale Edith-Stein-Bibliographie 1942 - 2012*. (2012). (M. A. Neyer OCD, Festgabe; U. Dobhan OCD, Vorwort; H.-B. Gerl-Falkovitz & A. Ales Bello, Geleitwort; F. Alfieri OFM, Einführung). Würzburg, Alemanha: Echter Verlag.
- Husserl, E. (1997), *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. (E. Filippini, Trad.). Milano: Il Saggiatore. (Original publicado em 1954).
- Koyré, A. (1922). *Essai sur l'idée de Dieu et le preuves de son existence chez Descartes*. Paris: Leroux.
- Stein, E. (1999). *Essere finito e Essere eterno: per una elevazione al senso del essere* (4a. ed.). (A. Ales Bello, Presentazione; L. Vigone, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original de 1936; publicação póstuma em 1950).
- Stein, E. (2003). *Potenza e atto: studi per una filosofia dell'essere* (A. Ales Bello, Prefácio; A. Caputo, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original de 1931, publicação póstuma de 1998).
- Wojtyła, K. (2001). *Persona e atto* (G. Girgenti & P. Mikulska, Trad.s). Milano: Bompiani. (Original publicado em 1969).

Nota sobre o autor

Alessandro Giostra é formado em Filosofia e Letras Modernas pela Università di Urbino, Itália e sócio da Stanley Jaki Society. É professor de Filosofia e História no Liceo Scientifico "Orsini" de Ascoli Piceno, Itália. Desenvolve pesquisas no campo da História do Pensamento Filosófico e Científico. Colabora com a revista internacional *Review in Religion & Theology* (Wiley Blackwell, Estados Unidos da América). E-mail: giostra.al@libero.it

Data de recebimento: 19/09/2014

Data de aceite: 14/11/2014